



Deixar-se deslocar¹

Marcus André Vieira

Resumo

O *sinthoma* se reitera em uma vizinhança nada rígida. Não é um regime de alteridade consistente, mas daquilo que se pressente. É preciso se deslocar para se manter nela. Não é necessariamente mover-se na cidade, mesmo se cada vez mais nossa política o exige. Pode ser deixar-se deslocar por um vaga-lume, uma fala, um odor. É deixar-se surpreender.

I

Concluída minha análise e tendo sido nomeado AE, passei três anos em torno do modo como pude tomar como parceiro um gozo sem corpo, o gozo deslocalizado do *sinthoma*. Este gozo se materializou em um sonho conclusivo, uma barulhada sem imagem traduzia sua presença, que chamei *mordidavida*. Pude lidar, então, de outra forma com o supereu, parceiro habitual da fantasia, encarnado sobretudo pelas vozes dos pacientes da clínica psiquiátrica onde passei parte de minha infância.

Quando, como nessa mesa, colocamos a ênfase no programa de gozo, somos levados a destacar o que, apesar da presença desse gozo imprevisto do *sinthoma* seguiu funcionando no plano da fantasia. No meu caso o programa consistia em uma verdadeira erótica do risco: o perigo de ser objeto de sufocação e silêncio, como tinha sido para mim o efeito dos gritos loucos da clínica e, ao mesmo tempo, a atração fatal que eles exerciam sobre mim. O que mudou? O que resta disso?

Neste contexto, o que acabo de fazer, opor um gozo de objeto, circunscrito à fantasia a outro, aberto e que não se objetaliza, mostra seus limites, pois perdemos de vista o quanto há de coabitação entre os dois. Não podemos tampouco dizer que superamos a fantasia e a deixamos para trás - seria negar a evidência de que continuamos com a maior parte de nossas misérias e maneiras. Até mesmo a ideia de uma abertura da fantasia em direção ao gozo

¹ Redigido para a mesa Programa de gozo: o que muda e o que não muda (XI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, Barcelona, Abril de 2018), agradeço a Carlos Augusto Nicéas pela generosa leitura anterior e a Eric Laurent pelos comentários iluminadores no debate após as apresentações da mesa.

Essa mesma versão em espanhol foi publicada como: Vieira, M. A. Dejarse Desplazar. Bitácora Lacaniana, vol. 8, Buenos Aires, NEL/Grama, 2019.

Outra versão em português foi publicada como: Vieira, M. A. Deixar-se deslocar (e deixar-se ensinar). In O campo uniano – o último ensino de lacan e suas consequências. Escola Brasileira de Psicanálise: Seção Bahia, 2022.

do *sinthoma* parece estranha, uma vez que a análise opera por redução. Vai em direção à fantasia fundamental que, em certo sentido, se mantém como tal, apenas se restringe a seus elementos mínimos.

II

Encontrei um caminho quando percebi que o essencial não foi a transformação da fantasia, mas aquilo que sua redução ao extremo, sem sentido, tornou possível: a transformação do Outro. O supereu, como objeto voz tornou-se inconsistente, sem que a estrutura da fantasia tenha sido fundamentalmente mudada.

Para delimitar essa reconfiguração do campo do Outro me apoiei na época na noção de vizinhança contrapondo-a à de cena. Podemos variar infinitamente os atores assim como os detalhes de uma *cena*, mas as posições e relações se mantêm inalteradas. Já uma *vizinhança*, nos termos da teoria dos conjuntos tal como retomada por Lacan, tem apenas um ponto constante, que não inscreve, no entanto, em nenhum lugar. Tudo o que estiver em sua vizinhança estará em contato com ele, sem, porém, jamais estar com ele em relação.

Cena e *vizinhança* não são incompatíveis. A fantasia, tomada como cena, pode ser entendida como a delimitação de um número definido de pontos de uma vizinhança em relação mais ou menos fixa (*fixação* no neologismo de Lacan em “O Aturdito”, que indica o quanto a fixação dessa estrutura será a base de toda ficção).

Em análise, ao reduzir a cena da fantasia a seus pontos fundamentais, experimentamos a vizinhança de outra coisa, aquilo que essa constelação circunscreve, mas não escreve, o singular da vida no corpo, o *sinthoma*. Se expor, repetidamente à vizinhança do *sinthoma*, faz com que as fixações da fantasia possam ser tomadas não mais como marcos zero de todo gozo, mas apenas como a base de uma ficção fundamental, que localiza no corpo o gozo ao modo fálico.

III

Para alguém como eu às voltas com o peso fantasmático do supereu, essa mudança foi grande alívio, mas todo um mundo de fragilidade entrou pela mesma porta. Foram experiências quase todas vividas no registro daquilo que chamamos “feminino”, mesmo que em escala modesta. Vou indicar apenas uma: Um modo de relação com o corpo marcado pela precariedade.

Nosso corpo, desde o estádio do espelho, sabemos, depende do que se passa no campo do Outro, se um perde consistência o outro sofre os efeitos. Se na “hora H”, do encontro com o real do supereu eu voava para longe, esse próprio movimento definia meu narcisismo e um corpo que nunca me faltava. Hoje, nem sempre o corpo diz “presente”. Aprendo a ficar na cama ou a seguir as possibilidades que a contingência do desejo nos oferece para que ele venha junto.

Por outro lado, descobri a que ponto o *sinthoma* (não como um fenômeno do corpo, mas como acontecimento corporal sem lugar definido no corpo), pode dar lugar a verdadeiros acontecimentos, próximos de um arrebatamento. Estar, por exemplo, recentemente, nas terras desertas da clínica de minha infância, abandonado por todo e qualquer fantasma, foi um deslumbramento. Não acontece apenas no plano da solidão, mas igualmente no plano da amizade e do amor, mais abertas ao imprevisto.

O que resta? O risco continua presente, mas é de outro gênero. Para delimitá-lo, ajuda-me a expressão *se deixar deslocar*.

IV

O *sinthoma* se reitera em uma vizinhança nada rígida. Não é um regime de alteridade consistente, mas daquilo que se pressente. É preciso se deslocar para se manter nela.

Não é necessariamente mover-se na cidade, mesmo se cada vez mais nossa política o exige. Pode ser deixar-se deslocar por um vaga-lume, uma fala, um odor. É deixar-se surpreender, mas a expressão destaca como a cada vez trata-se de prescindir de suas fixações, de sua fantasia para poder acompanhar o que acontece.

Foi minha maior experiência no cartel do passe. Deixar-se deslocar pelo que, de vez em quando, entre dois, passa. Não é também o que vivemos quando fazemos análise, quando nos deixamos deslocar pelo que o inconsciente nos apresenta? No meu caso, mesmo tendo sido atravessada a estrutura fundamental dos enredos do inconsciente, ele segue produzindo sonhos, risos e tropeços, afinal, a cifra do real não será jamais totalmente escrita. Deixar-me deslocar pelo que de real há no inconsciente me mantém analisante e me ajuda quando preciso acompanhar, como analista, as descobertas de cada um com relação à sua própria trama inconsciente.

Desloco-me menos carregado pelos loucos de minha fantasia e mais pelo que a vida perturba o que se fixa. O Outro dos loucos da clínica se foi, “desenlouqueci”, ou, no neologismo de Eric Laurent, me *deslouquei* e, nisso, me desloquei e desloco. A lição do analista é a de contar com os equívocos e as ambiguidades da língua sem acreditar demais em seu cristal, o que pode fazer um neologismo, ou mesmo uma palavra comum dizer tanto o que foi quanto o que virá.

Não está descartado que eu me perca da vizinhança do *sinthoma*. Sei, porém, que seria perder o essencial do que ganhei com a inconsistência do Outro em minha carne, a possibilidade da vida nem sempre ser o que é. Por outro lado, repassar pelo que resta vivo da fantasia, o prazer do movimento e de seus riscos, por exemplo, não se opõe a isso, ao contrário, gozar da vida como meu corpo gosta me dá o trilho necessário para que eu fique rente à vida do *sinthoma* que às vezes se goza em meu corpo.

Essa singularidade da vida é uma presença que não poderá jamais ser partilhada, só se compartilha a fantasia. Ela pode, porém, se apresentar a outros, no que reverbera para além de mim o que, talvez, espero, tenha sido o caso, aqui.